

SIGNOS DAS SURDOSINGULARIDADES NA TAREFA EDUCATIVA

Franciele Torani de Camargo
Graciele Marjiana Kraemer

Resumo

O presente trabalho analisa os signos produzidos por Surdosingularidades na tarefa educativa, a partir de uma pesquisa de análise cartográfica com base nos Estudos Surdos, Estudos Culturais em Educação e Filosofia. O recorte da pesquisa aqui apresentada atenta para as práticas pedagógicas e os processos de inclusão escolar de estudantes surdos no Ensino Médio, realizada em uma escola especial para Surdos da Rede Estadual do Rio Grande do Sul. Em vista de uma perspectiva metodológica cartográfica, foram produzidas cenas escolares, registradas em Diário de Campo, e que mobilizam um olhar atento para as tensões e potências nos encontros entre língua, conteúdo escolar e modos de ser surdo. Na educação para a diferença, compreende-se a prática docente como um movimento atento às singularidades, às pequenas ações e aos sinais do cotidiano escolar, elementos essenciais sob a perspectiva da pesquisa cartográfica. A análise cartográfica, identifica os signos que emergem de tema como o Sistema Esquelético, destacando os desafios linguísticos e os efeitos de práticas capacitistas. A partir do estudo produzido, destaca-se a conformação de um espaço plural, onde diferentes possibilidades de desenvolvimento acontecem e onde irrompem processos de incorrigibilidade e de desobediência, pois o conhecimento é significado a partir de uma pluralidade de formas de interação, constituição de saberes e de mobilização das estratégias pedagógicas.

Palavras-chave: educação de surdos; inclusão escolar; surdosingularidades; ensino médio.

SIGNS OF DEAF-SPECIFIC SINGULARITIES IN THE EDUCATIONAL TASK

Abstract

This paper analyzes the signs produced by Deaf Singularities within the educational task, based on a cartographic analysis informed by Deaf Studies, Cultural Studies in Education, and Philosophy. The excerpt presented here focuses on pedagogical practices and the processes of school inclusion of deaf students in high school, carried out in a special school for the Deaf within the State Education Network of Rio Grande do Sul. From a cartographic methodological perspective, school scenes were produced and recorded in a Field Diary, calling for an attentive gaze toward the tensions and potentialities arising from the encounters between language, school content, and ways of being deaf. In an education that values difference, teaching practice is understood as a movement that is attentive to singularities, small actions, and the signs of everyday school life, elements that are essential from the viewpoint of cartographic research. The cartographic analysis identifies signs emerging from topics such as the Skeletal System, highlighting linguistic challenges and the effects of ableist practices. The study emphasizes the formation of a plural space, where different perspectives emerge, where processes of incorrigibility and disobedience break through, as knowledge is constructed through a plurality of forms of interaction, knowledge-making, and the mobilization of pedagogical strategies.

Keywords: deaf education; school inclusion; deaf singularities; high school.

SIGNOS DE LAS SINGULARIDADES SORDAS EN LA TAREA EDUCATIVA

Resumen

El presente trabajo analiza los signos producidos por las singularidades sordas en la tarea educativa, a partir de una investigación de análisis cartográfico basada en los Estudios Sordos, los Estudios Culturales en Educación y la Filosofía. El recorte de la investigación aquí presentado se enfoca en las prácticas pedagógicas y los procesos de inclusión escolar de estudiantes sordos en la Educación Media, y se llevó a cabo en una escuela especial para personas sordas de la Red Estatal de Río Grande del Sur. Desde una perspectiva metodológica cartográfica, se produjeron escenas escolares registradas en un Diario de Campo, que movilizan una mirada atenta a las tensiones y potencialidades en los encuentros entre lenguaje, contenido escolar y modos de ser sordo. En la educación para la diferencia, se comprende la práctica docente como un movimiento atento a las singularidades, a las pequeñas acciones y a los gestos de la vida escolar cotidiana, elementos esenciales desde la perspectiva de la investigación cartográfica. El análisis cartográfico, anclado en los Estudios Sordos y en la Filosofía, identifica los signos que emergen de temas como el Sistema Esquelético, destacando los desafíos lingüísticos y los efectos de prácticas capacitistas. A partir del estudio realizado, se destaca la conformación de un espacio plural, donde emergen diferentes perspectivas, donde irrumpen procesos de incorregibilidad y desobediencia, ya que el conocimiento se significa a partir de una pluralidad de formas de interacción, constitución de saberes y movilización de estrategias pedagógicas.

Palabras clave: educación de sordos; inclusión escolar; singularidades sordas; educación media.

INTRODUÇÃO

A partir do primeiro tópico da proposta de dossiê temático, qual seja, Educação Especial e seu papel no cenário educacional contemporâneo, atenta-se no presente estudo para temáticas que se apresentam como necessárias para a construção de práticas pedagógicas inclusivas. Assim, é aqui apresentado um recorte de uma dissertação de mestrado¹ que analisa os desafios para a inclusão escolar de estudantes Surdosingularidades. Por inclusão escolar, entende-se um conjunto de enunciados e práticas que, a partir da primeira década do século XXI, vêm tensionando o campo da educação brasileira ao reivindicar condições de acesso, permanência, aprendizagem e desenvolvimento para todos os sujeitos escolares, dentre eles os estudantes com deficiência. Ao compreendê-la como movimento, a inclusão escolar é tomada enquanto dispositivo que desloca o espaço escolar de seus arranjos estabilizados, engendrando modos plurais de habitar a escola e de se relacionar com o saber. Tais modos operam fissuras nos regimes normativos curriculares e pedagógicos, desestabilizando práticas que associam o aprender e o desenvolver-se a trajetórias previamente mapeadas por padrões historicamente excludentes.

Nessa linha, Singularidade é o termo usado nos estudos que compreendem a interlocução entre o campo da Educação e da Filosofia, para designar o indivíduo que se distingue dos demais. Trata-se de um conceito que busca significar a diferença surda, em suas distintas singularidades, não pelo viés da deficiência ou defeito, mas pelo viés linguístico e cultural. Entende-se a singularidade distinta da questão identitária, pois neste estudo, a singularidade é assumida enquanto uma forma de ser sujeito que se encontra na ordem da imanência. Dito de outro modo, a

¹ Trata-se da Dissertação Intitulada: Surdosingularidade no Ensino Médio: uma cartografia da tarefa educativa, desenvolvida por Franciele Torani de Camargo sob a orientação da profa. Dra. Graciele Marjana Kraemer, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Link de Acesso: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/292284>

singularidade é assumida enquanto impossibilidade de substituição identitária, ela remete a uma responsabilidade do lugar assumido pelo sujeito, em sua forma de ser e de irromper no mundo. Juntas, as duas palavras Surdo + singularidade = Surdosingularidade, possibilitam uma construção conceitual que atenta para uma articulação que não remete a uma paralisia identitária, mas uma proposição política que marca a Surdosingularidade nas condições subjetivas e culturais dos distintos modos de vida. A Surdosingularidade compreende sujeitos que devem ter efetivado seu direito social de uma educação de qualidade e que respeite sua especificidade linguística, cognitiva, social e cultural.

No cenário da Educação Bilíngue, reconhecer a singularidade linguística e cultural dos sujeitos significa entender a construção do “ser surdo” a partir de movimentos permanentes de tensionamento. Nessa condição, a comunidade cultural e linguística, produz formas de vida que, em sua condição, percebem e interagem com o mundo, a partir de constantes resistências aos modelos preconizados em determinados regimes discursivos, especialmente aqueles advindos do campo clínico. Atenta-se, neste percurso, à complexidade que atravessa a constituição singular dos sujeitos surdos, compreendendo que suas formas de ser e estar no mundo se dão no interior de relações de saber-poder que historicamente buscaram orquestrar modos de existência, muitas vezes deslocando-os de seus marcadores culturais e das configurações subjetivas que sustentam a comunidade surda.

Tais relações operam não apenas sobre o corpo, mas também sobre a língua, instituindo regimes de normalização que tentam subalternizar a Libras como prática de enunciação e produção de sentidos. A Educação Bilíngue não apenas garante o acesso à educação, também favorece a valorização da cultura surda e o direito de uma constituição cidadã a partir de um repertório político que mobiliza as pautas da comunidade surda em diferentes contextos históricos. Em vez de desconsiderar as particularidades dos surdos, adota e incentiva a Libras como a primeira língua dos surdos brasileiros e o português, na modalidade escrita, como sua segunda língua.

No que tange aos surdos, foi necessário que se criasse uma nova política, que inclusive é de fundamental importância na articulação e construção do Ser Surdo, política essa que atraísse esse grupo de indivíduos para o meio educacional e que com ele estabelecesse uma relação de saber e poder (Carvalho, 2016, p. 130).

Trata-se de uma posição teórico-política que tensiona as formas instituídas de organização social e convoca um olhar político para a visibilidade linguística e a presença da alteridade. É essa a perspectiva assumida na presente pesquisa, a partir da qual se interroga os modos como o organograma político da escolarização estrutura e regula a formação dos sujeitos em nosso presente. Neste movimento, a noção de Surdosingularidade emerge como operador conceitual que desloca a identidade surda da categoria clínica da “deficiência auditiva” e a reinscreve em uma gramática político-cultural própria, marcada por experiências linguísticas, cognitivas e sociais específicas. É preciso afirmar que ser surdo não equivale a ser deficiente auditivo. A surdez, enquanto diferença linguística e cultural, desafia os imperativos médicos e clínicos que prescrevem o implante coclear como meio de “normalizar” a experiência surda e integrá-la ao universo ouvinte. Tal procedimento, frequentemente legitimado por discursos especialistas, inscreve-se em uma racionalidade que busca operar a diferença como falta, e não como potência.

Para Pontin (2014, p. 8), “o Implante Coclear (IC), conhecido como ouvido biônico, tem sido colocado pela área médica como uma tecnologia para os surdos, que pode ‘curar’ a deficiência, fazer ouvir, incluir os surdos”. A autora ainda afirma que:

Para os surdos, numa perspectiva antropológica, a surdez significa uma questão identitária, construída pela possibilidade de pertencimento a uma comunidade linguística e cultural minoritária e, nesse caso, o surdo sente orgulho de ser surdo, orgulho de sua diferença. Na perspectiva clínica, ele é uma pessoa com deficiência auditiva, no entanto, em uma perspectiva cultural, esse aspecto não é o mais importante para a caracterização desse sujeito (Pontin, 2014, p. 8).

A perspectiva clínica opera como uma racionalidade que amplia o investimento na normalização da surdez por meio do implante coclear, inscrevendo a diferença sob o signo da ausência. Tal racionalidade, como analisa Pontin (2014), mobiliza a constituição de formas de vida orientadas pela falta, organizadas a partir daquilo que não se conforma à lógica do ouvinte. Nesse cenário, o IC não é apenas um dispositivo médico, mas um artefato político que agencia modos de existência, regula corpos e subjugua experiências que escapam à audição como referência normativa. Nos posicionamos em uma perspectiva que pouco atenta para a ausência, mas que pela potência da surdez, inclusive como matriz subjetiva de uma das autoras, mobiliza formas de significar a surdez experienciando a condição de ser bilíngue e produzir uma forma de estar no mundo mobilizada por processos históricos de resistência a esse investimento na normalização.

Assim, desenvolve-se uma pesquisa de cunho qualitativo, inscrita no campo dos Estudos Culturais em Educação e que, por meio da cartografia de cenas escolares analisa processos e práticas na educação de Surdos singularidades no Ensino Médio em uma escola especial para surdos, da Rede Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Nessa condição, na seção que segue, passamos a destacar a abordagem metodológica da pesquisa, para em seguida, desdobrar a análise, considerando signos da Surdos singularidade.

Cabe salientar, que em termos analíticos, não partimos da linguística enquanto campo disciplinar para a compreensão dos signos, mas os mobilizamos na educação como efeitos de práticas que atravessam a constituição dos sujeitos Surdos. Os signos, neste estudo, são tomados como articulações simbólicas e materiais que não apenas representam algo, mas que produzem sentidos inscritos em tramas sociais, educacionais, científicas, políticas e filosóficas. Longe de operar com uma lógica unívoca de significação, o signo, tal como o assumimos aqui, convoca uma atenção às possibilidades que se desdobram na interação da língua a partir de formas de produção interna e externa que atravessam cada estudante.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Figura 1 – A Pesquisa Cartográfica na Escola de Surdos



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

O mapa esquemático que abre a seção metodológica, representa o movimento investigativo do presente estudo, ou seja, uma cartografia de cenas escolares. Trata-se de um esquema elaborado a partir da perspectiva metodológica de se assumir uma postura enquanto pesquisadoras e docente surda, mobilizado por registros do cotidiano em um Diário de Campo, que busca captar os movimentos de estudantes surdos, por meio de suas expressões corporais, faciais, sinais, percepções sensoriais, ritmos de vibrações sons, traços, cores e formas, elementos que indicam modos próprios de desenvolvimento e aprendizagem.

A cartografia, como método investigativo, compreende não apenas uma ferramenta de mapeamento de experiências escolares, mas uma prática de acompanhamento e análise dos processos que compõem o cotidiano escolar. Nesse sentido, a cartografia desloca-se da sua dimensão estritamente técnica, vinculada ao campo de saberes da Geografia, e assume um papel central na produção de conhecimento, especialmente quando se trata de mapear os processos de subjetivação de estudantes Surdos singularidades em contexto escolar.

Na cartografia, a incumbência do cartógrafo é ultrapassar a representação territorial. Sua participação deve ser ativa e de acordo com a realidade social mencionada, analisando, interagindo e entendendo os distintos movimentos sociais em execução. Cartografar, “extravasa o desenhar mapas, mas caminha na direção de construir diagramas que facilitam a visualização de novas realidades por meio de esquemas visuais” (Monti, 2023, p. 28). A ação demanda uma análise

delicada dos processos que englobam a constituição das subjetividades dos sujeitos pertencentes a grupos sociais envolvidos na pesquisa. A atuação do cartógrafo, nesse campo, é compreendida como ativa, afetiva ou (sensível) e situada, considerando os vínculos sociais, culturais e políticos que atravessam as experiências vividas no espaço pesquisado.

Distanciando-se da cartografia original ao campo da Geografia – que diz respeito a conhecimentos de bases matemáticas e precisas, a cartografia social trata, além do mapeamento físico, do mapeamento conceitual e das linhas de força que forjam determinadas malhas de saber (Monti, 2023, p. 27).

Assim, assume-se uma postura de pesquisador que interage com o campo, que se deixa afetar pelos acontecimentos e que constrói de forma sensível, registros que evidenciam as tensões, os afetos, os discursos ou as expressões e os silêncios que emergem no cenário investigado. A cartografia é assumida como construção de diagramas que permitem visualizar novas realidades a partir de uma perspectiva situada, visual e política.

A proposta de investigação aqui apresentada parte da compreensão de que a estruturação da experiência pedagógica é desafiante uma vez que, atuar com Surdosingularidades constitui-se um processo que requer reestruturar a dinâmica da intencionalidade pedagógica docente. Sob esta compreensão, cabe destacar algumas questões que englobam a instituição onde ocorre a pesquisa.

Atualmente, a escola de Surdos conta com 42 alunos matriculados e oferece os seguintes níveis de ensino: Educação Infantil (4 alunos matriculados), Ensino Fundamental (24 alunos matriculados) e Ensino Médio (14 alunos matriculados). Uma escola de Surdos funciona como outra escola qualquer, a diferença está na estruturação e prática de mecanismos possibilitando os recursos que considerem a comunicação em língua de sinais, o currículo e a pedagogia surda. Além disso, é de suma importância que os diversos profissionais trabalhem juntos para garantir um ensino bilíngue e de qualidade, especialmente, no Ensino Médio, quando os estudantes são encaminhados para o ENEM e cursos profissionalizantes, de acordo com sua interação. Na escola, o corpo docente é composto por três professores Surdos: Professor A: Matemática; Professora B: autora da pesquisa; Professor D: antigo professor de Libras, substituído recentemente pelo Professor K. Os professores ouvintes são: Professor C: Artes e Filosofia; Professor E: Geografia; Professor F: ocupa atualmente a vaga da professora anterior que desistiu e ministra disciplinas como História, Sociologia e outras. Além do corpo docente, a escola conta com profissionais como diretora e coordenadora pedagógica, esta última atuando desde agosto de 2024.

A escola de surdos promove possibilidades de construção de processos e práticas que produzem uma docência pautada no acolhimento e respeito à singularidade de experiências, vivências e modos de desenvolvimento dos sujeitos escolares, considerando-se a perspectiva inclusiva. “A reivindicação dos surdos está na construção de uma inclusão que qualifique suas diferenças e promova, não meras trocas sociais, mas construções de conhecimentos pareados que os coloquem em condição de inclusão social efetiva” (Carvalho; Martins, 2016, p.399). Assim, produzir uma pesquisa, considerando a prática desenvolvida junto a Surdosingularidades, promove uma abertura analítica acerca da ação docente enquanto professora bilíngue surda. Nesse movimento, “quando a professora se posiciona como modelo para os alunos, surda tal como eles, ela incentiva as aprendizagens dos alunos surdos e potencializa a possibilidade de participarem da sociedade como sujeitos ativos e produtivos” (Karnopp; Pokorski; Zanini, 2019, p. 9). Lopes e Veiga-Neto (2017, p. 694), na mesma linha compreendem que

ao partir da diferença linguística e cultural surda, defende-se a escola de surdos como espaço de aproximação entre semelhantes ou, pelo menos, entre sujeitos que compartilham uma condição comum de surdez e condições de ensino e de aprendizagem surda.

Atentando às condições que atravessam os modos de ser e aprender de estudantes Surdos e Surdosingularidades, a prática pedagógica aqui descrita mobiliza estratégias que se reinventam frente às singularidades de desenvolvimento, às habilidades múltiplas e às condições sócio afetivas de cada sujeito. Longe de operar com padrões previsíveis, a prática docente necessita o constante driblar de normatividades, movimentando-se entre construções, desconstruções e reconstruções que viabilizem o engajamento no processo de desenvolvimento cognitivo. Em meio a percursos singulares de alfabetização e letramento visual, às dificuldades no raciocínio lógico, da resolução de problemas e da elaboração do pensamento abstrato, a docência se inscreve como uma prática situada, atravessada por sentidos políticos e culturais que mobilizam o conhecimento.

É sob essa perspectiva, que se reconhece a singularidade como potência e não como falta, que se realiza o registro diário das cenas pedagógicas, produzidas no contexto das aulas de Biologia no Ensino Médio. Tais cenas evidenciam a necessidade de reinscrição contínua dos conteúdos curriculares, numa temporalidade que desafia a linearidade e a previsibilidade. Nesse movimento tensionado, recursos didáticos como um livro de Ciências do Ensino Fundamental são (re)significados e ativados como dispositivos que colaboram na composição das práticas e no exercício de escrita no Diário de Campo, conferindo visibilidade aos gestos, às materialidades e aos deslocamentos que marcam a experiência pedagógica.

Trata-se de um movimento reiterado, marcado por avanços provisórios e retornos que reforçam a inviabilidade da linearidade dos processos formativos. Na educação de surdos, múltiplas questões atravessam a prática pedagógica, entre elas, destaca-se a centralidade dos artefatos visuais como dispositivos que tornam possível a emergência de sentidos nos contextos de estudo. Essas materialidades não apenas auxiliam na compreensão de conteúdos, mas operam como elementos constituintes dos modos de aprender e ensinar, ativando outras formas de significar o mundo.

Nesse horizonte, a articulação entre o campo dos Estudos Culturais e os Estudos Surdos em Educação emerge como produtiva na construção de novas gramáticas para pensar a diferença. Tal articulação desloca os enquadramentos normativos que tendem a homogeneizar os sujeitos e oferece uma possibilidade conceitual capaz de afirmar as experiências culturais dos surdos como instâncias legítimas de saber e de existência. É nesse entrecruzamento que a diferença deixa de ser um déficit a ser corrigido e passa a operar como marca política e epistêmica da constituição de subjetividades singulares.

Por meio desse movimento investigativo, a articulação ao campo de pesquisas dos Estudos Surdos em Educação, enquanto território de investigação educacional e de proposições políticas, abre possibilidades para que “um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidades, mobilizem uma particular aproximação — e não uma apropriação — com o conhecimento e com os discursos sobre a surdez e o mundo dos surdos” (Skliar, 2001, p. 29). O ser surdo, a experiência visual, a rotina diária, as vivências, os sentimentos, as vitórias e as dificuldades, são aspectos que fazem parte do cenário de uma escola constituída por sujeitos que carregam marcas culturais, identitárias, sociais e políticas que influenciam em processos singulares de sua escolarização. Nessa condição, entende-se que a produção de uma pesquisa a partir da perspectiva da cartografia, passa a considerar que

O sentir, a experiência visual e a expressão dialógica na língua de sinais, no corpo surdo há muitos sentimentos, muitas reações as quais fazem mexer com um determinado sentimento ou não, podendo ser um sentimento seletivo, mas um sentimento generalizado e complexo. Essa complexidade podemos ver que acontece ao entrar ou pertencer a um grupo surdo que tem suas próprias regras, só entende a cosmovisão surda aqueles que têm e vivem nas e com as experiências visuais (Vilhalva, 2012, p. 59).

O processo investigativo não se reduz ao registro de informações, mas compreende uma postura de envolvimento com o acontecimentos e uma abertura para o que escapa ao controle do pesquisador. Ao utilizar a cartografia, torna-se possível captar os desvios, as fugas, os gestos inesperados e os silêncios significativos que compõem o cotidiano escolar de uma instituição atenta à educação de surdos. Observa-se e, então, pára-se para olhar novamente. A experiência se dá por meio da observação. Quando algo acontece, a reação ocorre de forma diferenciada, manifestando-se por movimentos corporais, expressões faciais e pelo contato visual, que permite captar informações e registrá-las na memória. Posteriormente, essas informações são elaboradas e registradas no 'Diário de Campo'. São práticas que mobilizam distintos modos de percepção da Surdasingularidade. Na educação para a diferença, compreende-se a prática docente como um movimento atento às singularidades, às pequenas ações e aos gestos do cotidiano escolar, elementos essenciais sob a perspectiva da pesquisa cartográfica. Conforme destaca Silva (2018, p. 29),

Eu escuto e eu olho. Ou eu olho e então paro para escutar. Observo esperando algo acontecer. Desejo a possibilidade de um acontecimento. Imagino que alguém vai chorar. Nada acontece. Desloco-me. Outro cenário me chama. Observo e anoto. Falas, caras e bocas são registradas. Aproximo-me até onde posso. Se não posso, afasto-me. Escuto elas e eles falarem. Reclamarem. Desesperar-se. Memorizo. Vou onde posso.

O papel que o pesquisador desenvolve no Diário de Campo é peculiar, pois atenta para aspectos da ordem do imprevisto, daquilo que acontece como irrupção no cotidiano escolar, uma estratégia que tem a função de observar, descrever, explorar, intervir, refletir, construir, desconstruir e reconstruir, os ambientes e experiências diárias, especialmente no contexto de trabalho ou em estudos científicos. Ele permite que os profissionais elaborem relatos e registrem suas observações de forma metódica e minuciosa, o que pode levar a um entendimento mais profundo dos procedimentos, comuns e situações que comumente acontecem em determinados âmbitos ou contextos. O diário de campo nos serve “como importante instrumento de registro, a fim de configurar a nossa forma particular de conhecer e ocupar os espaços de trabalho e pesquisa” (Klein; Damico, 2021, p. 77).

A cartografia mobiliza possibilidades de atentar para corpos que, em sua diferença, subvertem o padrão de normalidade estabelecido para o desenvolvimento escolar. Nesse movimento, o pesquisador e docente, por meio de um olhar diferenciado e de um ambiente aberto e receptivo, passa a atentar às necessidades desse público. Para isso, é essencial contar com recursos disponíveis e com a atuação de profissionais dotados de sensibilidade, afeto, empatia e respeito à diversidade.

Por meio de uma pesquisa cartográfica, no registro do Diário de Campo são significadas as cenas escolares. As cenas que aqui são apresentadas, não constituem a produção de julgamentos acerca da Surdosingularidade, mas a produção de uma problematização sobre as condições de possibilidade para a constituição de Surdosingularidades no Ensino Médio. É por meio de cenas do cotidiano escolar, que uma das pesquisadoras observa, intervém, prática, registra na memória,

os aspectos visuais, através da comunicação visual e analisa as experiências e vivências dos estudantes no âmbito escolar. Vale mencionar que esta pesquisadora atua na escola como docente surda bilíngue, nos componentes curriculares de Biologia e Química e a organização dos registros do Diário foi efetuada ao decorrer dos anos 2023 e 2024, tendo por base que,

A Cartografia consiste, portanto, em uma atividade que envolve o estudo detalhado de aspectos da realidade física e social que são representados graficamente, de modo a possibilitar a visualização e a compreensão desses aspectos por outras pessoas que podem conhecê-los por meio da experiência vivenciada e traçada pelo cartógrafo (Sousa; Oliveira, 2022, p. 18).

Como critério de análise, foram elencadas cenas que se articulam aos eixos de problematização que atravessam esta pesquisa. Neste caso específico, trata-se do eixo que mobiliza os signos da diferença na educação de surdos, sob a lente dos Estudos Culturais. A seleção dessas cenas não responde a uma lógica de representação, mas à sua potência de produzir deslocamentos, cenas em que a diferença irrompe como força afirmativa, instaurando outras formas de significar os sujeitos, os saberes e as práticas pedagógicas. Ao compreender a diferença não como desvio ou déficit, mas como operador de sentido, a análise se volta para os modos como os discursos culturais constituem e tensionam a experiência surda no espaço escolar. Destacados os aspectos metodológicos da perspectiva cartográfica, passamos na sequência a apresentar parte dos resultados da pesquisa de mestrado desenvolvida. Atentamos para o recorte dos Signos da Surdosingularidade, pois consideramos a relevância de um movimento que busca mobilizar potências de vidas outras, considerando para tal o desenvolvimento educacional cultural, social, psicológico e linguístico do sujeito escolar.

SIGNOS DA SURDOSINGULARIDADE

Compreender o signo como uma representação de significado exige considerar tanto a forma de expressão quanto as produções internas e externas de cada estudante. As cenas que compõem a presente cartografia permitem uma atenção às formas singulares de vida, mobilizadas por meio de artefatos visuais, culturais e sociais. Essas manifestações atravessam o cotidiano escolar e tornam-se ferramentas de reconhecimento das existências Surdosingularidades em sua potência de desenvolvimento. Evita-se, assim, a lógica da deficiência como falta, desviando-se dos processos de normalização e controle das formas de vida. Trata-se de um movimento de assumir que os sujeitos em sua singularidade “terá direito a assumir sua condição de fala, na vida pública, de expressar o que pensa e o que vive, como um modo de existência que se expõe no mundo, com vistas a tensioná-lo, problematizá-lo, transformá-lo” (Pagni, 2023, p. 20). Assim, a presente pesquisa, atenta para a produção de signos que marcam a potência da Surdosingularidade em seu desenvolvimento. Segundo Pagni e Martins (2019, p. 18),

Ela implica na decifração, por um lado, em jogos corpóreos e signos expressos pelos próprios surdos para se comunicarem entre si, entrelaçados por uma sensibilidade que permitiria a emergência dessa arte de si em torno da qual poderiam se afirmar, singularmente, e a construção de uma comunidade que age em torno de um comum produzido a partir do incomunicável dessa comunicação.

A demarcação política da diferença, no contexto da alteridade Surda, tem provocado resistências e reconfigurações nas práticas pedagógicas, nos currículos e nas habilidades exigidas. Observa-se a necessidade de significar os signos e os jogos de linguagem visual e corporal, utilizando recursos materiais concretos e formas de viver e narrar a experiência pela língua de sinais ou movimentos de significação da experiência em Língua de Sinais. Isso pode ser compreendido nas cenas que seguem.

A cena apresenta uma aula de Biomecânica, uma área do conhecimento em Ciências da Natureza e suas Tecnologias, de caráter complementar. Ela integra uma disciplina da trilha formativa de aproveitamento curricular nos campos de Linguagens e suas Tecnologias (LGG) e Ciências da Natureza e suas Tecnologias (CNT), conforme previsto no Novo Ensino Médio.

CENA: Aula sobre Sistema Esquelético

É uma noite muito fria, marcando menos de 10°C. No primeiro período da aula de Biomecânica na turma do segundo ano do Ensino Médio, dois estudantes, C e F, realizaram uma atividade referente ao sistema esquelético. Fui até meu armário, o abri e peguei uma atividade realizada pela estudante F, mas não encontrei a outra atividade feita por ela. Fui até a sala da direção e perguntei onde essa atividade poderia estar, lá a atividade também não foi localizada. Retornei à sala e informei isso aos estudantes. A estudante F compreendeu e concordou em refazer tão logo eu solicitei. Ela conseguiu entender clara e rapidamente o que eu pedi, e fez perfeitamente. O estudante C demorou mais tempo para escrever os nomes das partes do sistema esquelético. Logo chegou a estudante A, que pegou diferentes partes do sistema esquelético para pintar e recortar. Essa estudante geralmente demora para fazer suas atividades; naturalmente seu ritmo é respeitado e ela recebe auxílio quando necessário. C e F costumam ser rápidos para fazer as atividades e parecem ter facilidade em realizar o que é proposto. A Estudante F se destaca por ser caprichosa, já o estudante C faz da maneira mais apressada. Cada estudante tem seu jeito e faz as atividades como prefere. Eles não são iguais, pois cada um tem seus sentimentos e suas vivências que os diferenciam. Isso vale para os surdos e ouvintes (Diário de Campo, maio de 2024).

A observação desses ritmos diversos mostra que os estudantes não compartilham formas homogêneas de aprendizado. Cada estudante expressa um modo de interação e compreensão particular. A partir dessa heterogeneidade, reconhece-se a importância de práticas pedagógicas que valorizem a singularidade, conforme aponta Pagni ao defender que autonomia emerge da ruptura com a submissão irrestrita aos guias do conhecimento

A cena retrata uma noite fria, o que pode influenciar o humor, a concentração e a disposição dos alunos. Essa condição climática também pode ser um fator que ocasionalmente pode interferir no ritmo das aulas. O foco do conteúdo da aula está no sistema esquelético. A interação com a estudante F foi produtiva uma vez que ela compreendeu a necessidade de refazer a atividade. Verifica-se as diferenças no ritmo e no estilo de trabalho de cada aluno. Destaca-se que a estudante A, trabalha mais devagar, mas seu ritmo é respeitado. Nos acontecimentos que englobam as práticas pedagógicas, movimentos, formas de compreensão, de interação e de participação, são singulares. Em vista de uma perspectiva educacional inclusiva, reconhecer e valorizar a individualidade de cada aluno, engloba o reconhecimento de processos de subjetivação que objetivam formas de vida singulares e de existência comuns e que rompem com “a obediência cega a quem conduz, [...] para que o sujeito formado pedagogicamente chegue à autonomia” (Pagni, 2023, p. 251). Na

conformação subjetiva, a experiência singular das práticas mobiliza “a tradução de códigos, regras e diferenças de um jogo de linguagem para outro, que permaneceu inexplorado” (Pagni; Martins, 2019, p. 15).

Mobilizar a prática pedagógica a partir de um olhar sensível e atento à singularidade dos sujeitos, implica embriagar-se profissionalmente no estudo de perspectivas que são mobilizadas em outros campos do conhecimento, entre eles, a filosofia. Nesse campo, nos estudos desenvolvidos por autores como Michel Foucault, entre outros, encontra-se a possibilidade de ampliar as condições de análise das questões vivenciadas no espaço escolar pela presença de Surdosingularidades e de suas formas de vida. Um movimento político que a docência assume, pois atenta para possibilidades insurgentes e ingovernáveis de formas de vida, que irrompem no espaço escolar e que mobilizam outras práticas de significação do conhecimento, para além de uma perspectiva hermeticamente habitada por um currículo normativo.

A história de vida e as experiências de aprendizagem dos estudantes Surdosingularidades, atravessadas por formas específicas de letramento em Língua de Sinais e enredadas nas práticas sociais escolares, convocam a docência a operar deslocamentos. Trata-se de produzir significações singulares/plurais de potências outras, que escapam aos roteiros formais do ensino e desafiam as gramáticas normativas da escolarização. Nesse processo, o trabalho docente é convocado a escutar aquilo que resiste ao enquadramento dos organogramas curriculares e da Pedagogia, enquanto campo de saber instituído normativamente. Como afirma Monti (2023, p. 115), “se a experiência de cada um é somente sua e sempre singular, então, a experiência é plural. A experiência é o espaço no qual a pluralidade se desdobra”. É nesse espaço de desdobramento que se inscreve a cena pedagógica em análise.

A aula de Biomecânica, integrada ao itinerário formativo do Novo Ensino Médio e distribuída entre os campos de Linguagens e Ciências da Natureza, não apenas opera como um conteúdo complementar, mas como um espaço de experimentação. Uma aula que, ao ser mediada por artefatos visuais e signos multifacetados, desestabiliza o lugar do conteúdo como núcleo fixo e revela a importância da mediação enquanto prática política de leitura e inscrição dos saberes. A pluralidade de formas de interação, com o corpo, com a imagem, com a língua e com o tempo, configura um cenário de incorrigibilidade e desobediência às lógicas lineares do ensino.

Nesse contexto, o conhecimento se constitui não como totalidade a ser transmitida, mas como dobra, fragmento, gesto. “A incerteza, aqui, é constitutiva da experiência, uma vez que a experiência pressupõe abertura à possibilidade e se abre ao impossível ao mesmo tempo, por este motivo, supõe uma aposta ao que não se sabe” (Monti, 2023, p. 115-116). A cena da aula de Biomecânica, portanto, não apenas ilustra uma prática pedagógica, mas compõe um território de experimentação curricular onde o ensino se faz como aposta, e não como garantia.

Se dois estudantes C e F, mais experientes, completaram a atividade de forma rápida e prática, o que mostra a sua familiaridade com o conteúdo, a estudante A apresenta um ritmo de desenvolvimento e de compreensão singular na execução das tarefas e nessa condição, a experiência constitui possibilidades de aprendizagem pela forma de conhecimento que incorpora o corpo, a sensibilidade e os contatos com o mundo. A experiência visual e corporal é fundamental para a construção do conhecimento e para a interação no ambiente escolar e social: “é o tempo, um espaço em particular, contido e finito. Ela é corpo, sensibilidade, olhar, prazer e sofrimento. Mortalidade. Experiência, enfim, é vida, uma vida” (Monti, 2023, p. 118).

A dinâmica da aula sofreu um pequeno revés devido ao extravio de uma das atividades previstas, o que evidenciou a abertura do planejamento à contingência e à flexibilidade na condução da experiência pedagógica. Nesse contexto, o uso de atividades manuais, como recortes e pinturas,

na abordagem do sistema esquelético operou como uma estratégia que desloca o ensino para o campo da visualidade e da corporeidade. Tais práticas não apenas favorecem a compreensão do conteúdo, mas ativam signos que transbordam a linguagem verbal, funcionando como marcas da potência linguística inscrita no gesto, na imagem e na ação.

Ao trabalhar com o estímulo visual como via de acesso à significação, o processo de aprendizagem é expandido para além da decodificação de conteúdos formais, permitindo que os sujeitos mobilizem outros modos de leitura e inscrição do saber. Assim, o que se aprende não se dá apenas pelo que é dito, mas pelo que é mostrado, manipulado e vivenciado, em uma articulação entre significados e sentidos, onde os signos se tornam operadores de experiências múltiplas e singularizantes. Trata-se da “possibilidade de conversar com qualquer um e estar atentos, ao mesmo tempo, à singularidade” em um movimento político que atenta aos “gestos cotidianos, infinitas ações mínimas, experiências pequenas, do interior de algumas escolas que tentam, o tempo todo, fazer a si mesmas, dando as boas-vindas aos novos e reinventando seus modos de oferecer signos aos demais” (Skliar, 2014, p. 202).

Figura 2 – Os estudantes desenvolvendo as atividades

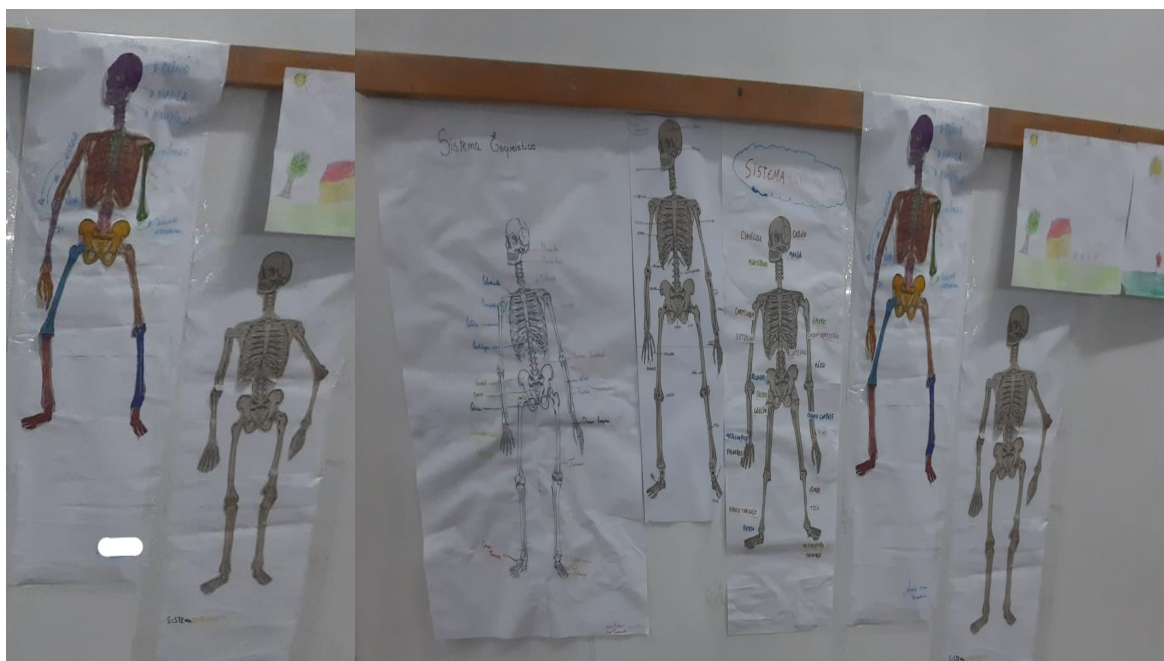


Fonte: Repositório das autoras, 2024.

CENA: Montagem de cartazes no mural

Após terminar de organizar os cartazes, os recolhi e levei até um mural no corredor da Escola. Observando todos os cartazes, percebi que num deles, mais destacado pela pintura com mais cores, faltaram partes de um braço (Ulna e Umero), que foram trocadas e colocadas no lugar da perna. O cartaz foi feito pela estudante A, que gosta muito de usar cores. Tentei ajudá-la a perceber as partes trocadas, e observei que ela tem bastante dificuldade de perceber coisas assim, e não teve a iniciativa de observar as atividades dos colegas. Então resolvi recolocar as respectivas partes, escrevi algumas palavras, e assim ficou finalizado. Conversei com a Diretora, mostrei para ela, e conversamos sobre o perfil da estudante, que já é bastante conhecido desde o Ensino Fundamental (Diário de Campo, junho de 2024).

Figura 3 – Colagem no mural, seus cartazes de montagem do sistema esquelético



Fonte: Repositório das autoras, 2024.

Após a fixação dos cartazes no mural, tornou-se visível um deslocamento no trabalho da estudante A: a ausência de representações de um dos braços (ulna e úmero), a inversão de partes corporais e a dificuldade em identificar detalhes específicos da atividade. Essas ocorrências não são lidas aqui como simples “erros”, mas como indícios de processos de significação que tensionam a lógica esperada pela normatividade curricular. A estudante A. manifesta dificuldades em mobilizar signos visuais e espaciais na construção do conhecimento, o que sinaliza os desafios específicos em sua relação com os elementos gráficos e simbólicos que constituem o conteúdo sobre o sistema esquelético.

Tal observação emerge como uma cena que exige atenção no acompanhamento dos processos de subjetivação escolar. O que está em jogo não é apenas a assimilação de um conteúdo disciplinar, mas o modo como a estudante interpreta, organiza e reinscreve os signos que circulam na prática pedagógica. Mesmo diante de modelos visuais disponíveis, como os cartazes dos colegas, a estudante não os reproduz diretamente. Esse gesto pode ser lido ambivalentemente: como indício de certa autonomia ou, ainda, como dificuldade de aderir às orientações visuais padronizadas que informam a atividade. A montagem e pintura do cartaz, portanto, tornam-se signos em si: produções que condensam tanto o percurso da aprendizagem quanto os limites e potências das interações entre linguagem, visualidade e espacialidade.

Durante a confecção do cartaz, buscou-se, por meio de intervenções pedagógicas, oferecer suporte à estudante. No entanto, mesmo com esse acompanhamento, persistem dificuldades na interpretação dos signos envolvidos na tarefa, dificuldades essas que não se restringem ao conteúdo em si, mas que atravessam o campo da linguagem em sua materialidade visual, gestual e simbólica. A aprendizagem aqui se constitui como processo relacional, situado nas intersecções entre experiências prévias, modos de ver e de dizer, e formas singulares de habitar a linguagem. No caso de A, cuja história é marcada pela oralização, a apropriação da Libras, como língua visual-gestual,

inscreve um desafio adicional, exigindo dela a elaboração de uma nova gramática perceptiva e expressiva. Como afirma Monti (2023, p. 109), “o aprendizado refere-se ao encontro involuntário, à interpretação e à experimentação de tipos de signos que violentam cada indivíduo de maneira particular”. É nesse encontro com signos, que não apenas informam, mas provocam, desafiam e expõem, que se dá a experiência da aprendizagem. A trajetória da estudante A, nesse sentido, não é deficitária, mas marcada por uma forma distinta de relação com a linguagem e o conhecimento. Uma forma que demanda outras temporalidades, outras mediações e um olhar pedagógico atento às singularidades que irrompem no cotidiano escolar como potência e não como falha.

A ação de colar o cartaz com alguns ajustes e acrescentar palavras-chave, pode ser interpretada como uma forma de adequar a atividade para que a estudante possa entender e, eventualmente, corrigir seus erros. Isso reflete uma atitude de suporte contínuo e compreensão de que a aprendizagem ocorre em etapas. Trata-se de um movimento complexo, pois a singularidade em sua forma de desenvolvimento assume modos específicos de apreensão de parte do conhecimento desenvolvido. Neste contexto, a docência, além do olhar atento, torna a formação uma possibilidade de potência subjetiva e que molda contornos flexíveis da aprendizagem. Isso pode levar à reflexão sobre a necessidade de ajustar a abordagem didática para que a Surdosingularidade possa acessar, compreender e assimilar o conteúdo a partir de perspectivas únicas, de significação da experiência específicas a cada sujeito. Nesse sentido, torna-se relevante considerar a exploração de recursos visuais alternativos, bem como de atividades mais interativas e multissensoriais, como o uso de materiais táteis, que podem auxiliar na percepção espacial e na compreensão do sistema esquelético.

Ainda em relação à observação de que a estudante não copia os colegas, esse comportamento pode ser visto como uma forma de preservar sua independência no processo de aprendizado. Percebe-se que a aprendizagem não ocorre de forma homogênea, mas sim como um processo singular para cada estudante, influenciado por fatores como repertório linguístico, experiências prévias e contextos socioculturais e “É nesse encontro de corpos, nessa dimensão, que o outro agencia em si sua transformação mais profunda e o trabalho que suscita adensa a subjetividade promovendo uma expressividade ética que é, em si mesma, na sua performatividade pública, política” (Pagni, 2020, p. 56). Um movimento ético que, no espaço escolar produz encontros “para além do tempo regulamentar, do saber e do espaço disciplinar, do currículo que capacita, para se fazer presente em sua margem, por vezes, como acontecimento” (Pagni, 2020, p. 56) e onde constitui-se um espaço onde os corpos outros, sejam eles deficientes, afrodescendentes, transgêneros, femininos,

[...] produzem essa invocação de deslocamento, de descentramento, de dessubjetivação que agencia um trabalho de si dos sujeitos indelegáveis, dos atores das escolas, daqueles que não suportam mais o insuportável e se insurgem contra ordem (im)posta, denunciando seu anacronismo. mas também anunciando outros processos de subjetivação, de forma de vida singulares e de existência comuns (Pagni, 2020, p. 56).

CENA: Aula de montagem do Sistema Esquelético

Numa aula, o estudante W apresentou muita dificuldade para identificar e montar as partes do sistema esquelético, pois montou de forma equivocada. Saímos da sala e mostrei a ele um cartaz feito por um colega, cujo formato e junção de ossos estava correto. Expliquei que se as partes do corpo estão desconexas, a pessoa não vai conseguir se movimentar e caminhar. Tíbia e fêmur, não podem ser trocados. Precisa ter o fêmur e depois a tíbia. Aos poucos, ele foi observando,

assimilando, montando, colando e escrevendo os respectivos nomes. Conseguiu finalizar. Após o estudante W e eu termos voltado para a sala de aula, observei o estudante B ajudando a colega A na realização da atividade sobre sistema esquelético, com as nomenclaturas específicas. Terminou a aula e despedi-me da turma. Saí feliz com o resultado do trabalho (Diário de Campo, junho de 2024).

Na aula em questão, o estudante W apresentava dificuldades na identificação e montagem do esqueleto, alternando as posições dos ossos, uma dificuldade tanto na compreensão quanto na memorização das partes corretas. Isso é um exemplo de como o suporte visual é essencial para estudantes que em sua forma singular de abstração de concepções curriculares específicas produzem significados dos processos de desenvolvimento.

O esclarecimento sobre os efeitos da inversão de ossos, como a troca entre tíbia e fêmur, e seu impacto na mobilidade corporal, operou como uma ativação prática dos saberes, produzindo um signo que articula corpo, movimento e linguagem. Ao conectar o conteúdo ao cotidiano, essa intervenção deslocou o ensino da esfera do abstrato para a da experiência vivida, produzindo sentidos que ressoam no estudante. Nesse gesto, a aprendizagem não é apenas transmitida, mas construída em uma rede de significações que envolvem imagens, relações, gestos e afetos. Trata-se de um movimento em que os signos visuais performam o conteúdo e ampliam suas possibilidades de leitura e apropriação.

O raciocínio elaborado por W foi potencializado por esse processo, em que o signo não é apenas representação, mas articulação de sentidos em múltiplas camadas, cognitivas, sensoriais e afetivas. A calma e o encorajamento do docente foram fundamentais para que ele pudesse experimentar sua própria potência de significado, reconhecendo-se capaz de concluir a atividade. Como aponta Zanini (2023, p. 43-44), é preciso manter-se atenta à defesa da escola de surdos como espaço de potência, onde o sujeito surdo se constitui imerso em práticas culturais e identitárias que ampliam suas possibilidades de expressão e pertencimento.

Progressivamente, o estudante passou a visualizar os próprios deslocamentos no processo de aprendizagem. Com o apoio dos signos visuais e das explicações mediadas, conseguiu reorganizar o sistema esquelético. Essa cena evidencia que a aprendizagem se dá no entre, no intervalo que se abre quando há tempo, apoio e espaço para que o estudante produza sentidos a partir de sua própria experiência. Ao retornar à sala e observar os colegas colaborando entre si na mesma atividade, a cena revela um ambiente pedagógico construído coletivamente, onde a participação é também uma prática de significação e de cuidado. A prática de estudantes auxiliarem uns aos outros cria uma dinâmica positiva de aprendizado, onde o conhecimento é compartilhado entre pares, o que pode enfatizar a compreensão.

[...] refletir sobre a pluralidade de sujeitos pode fazer com que os professores pensem nos aspectos sociais aos quais eles pertencem e, dessa forma, façam-nos reconhecer a importância do papel da pluralidade ao perceber o outro, propiciando uma parceria ou ação simultânea ao vivenciar a diversidade social existente na escola (Zanini, 2023, p. 44).

Essa forma de interação e de convívio também proporciona a independência dos estudantes, ao mesmo tempo que favorece a cooperação e o senso de comunidade dentro da sala de aula. O êxito final da atividade, tanto para o estudante W quanto para a turma em geral, me deixou realizada. Isso mostra que o arranjo do ensino, o uso de suporte visual e a criação de um

ambiente de colaboração constituíram-se em estratégias pedagógicas essenciais ao processo de configuração da Pedagogia Surda.

Figura 4 – O estudante W apresentou dificuldades de identificação



Fonte: Repositório das autoras, 2024.

Figura 5 – O estudante B auxiliando a colega A na atividade do sistema esquelético



Fonte: Repositório das autoras, 2024.

A aprendizagem e a formação dos estudantes, em uma perspectiva educacional inclusiva, transcorre em um processo que se estrutura para além das estruturas formais, visto que são espaços e tempos que contribuem para a interação e o ritmo de desenvolvimento. O currículo é padrão, mas para Surdosingularidade, é impraticável essa realidade. Acionar distintas estratégias para atender e entender a subjetividade dos indivíduos, interações, vivências e experiências no desenvolvimento da Surdosingularidade requer atentar para aspectos que englobam sua cultura surda, sua identidade surda e língua de sinais. Seu aprendizado ocorre de forma variada e, em distintos momentos, torna-se incapturável aos padrões previstos pelo organograma curricular. Assim, em muitas situações educacionais, a Surdosingularidade constitui-se num risco a determinado padrão de desenvolvimento previsto. Distintas maneiras de interação e de aprendizagem percorrem corpos que não se enquadram nos modelos historicamente preconizados para determinados níveis de ensino, mas que, cada vez mais, nos convocam a inclusive tensionar o padrão produzido como determinante da aprendizagem de todos.

CONSIDERAÇÕES

A educação de surdos no Ensino Médio apresenta desafios complexos, especialmente quando consideramos a constituição de Surdosingularidades, ou seja, as particularidades que marcam a experiência de cada estudante no processo de aprendizagem. Em vista disso, investiu-se na possibilidade de repensar, considerando as cenas escolares e movimentos que englobam não apenas a docência desenvolvida neste espaço, mas também a possibilidade de outros educadores e leitores interessados na área da educação de surdos e Surdosingularidades, possibilidades outras, tanto éticas quanto políticas, de produzir práticas de inclusão escolar.

O movimento de explorar e discutir novas formas de planejar e desenvolver atividades, estratégias pedagógicas e materiais didáticos que se adequem não apenas aos surdos, mas à potência da Surdosingularidade pode mobilizar os profissionais da educação a ampliar o leque de questões que englobam a formação humana, ou seja, desde as habilidades, os movimentos, os reflexos e reflexões produzidas, outras subjetividades e modos de vida passam a ser potencializados. Desdobrou-se um movimento que buscou mobilizar potências de vidas outras, considerando para tal o desenvolvimento educacional cultural, social, psicológico e linguístico do sujeito escolar. Com esse propósito, é imprescindível mergulhar nos seus mundos, compreender seus jeitos de ser e entender, e estar atento e aberto a novas descobertas. Um processo que engloba outra temporalidade e outra espacialidade curricular na educação de Surdosingularidades.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Daniel Junqueira. Não basta ser surdo para ser professor: as práticas que constituem o ser professor surdo no espaço da inclusão. 2016. 149 f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. Disponível em: Untitled-1 . Acesso em: 21 set. 2024.
- CARVALHO, Alexandre Filordi de; MARTINS, Vanessa Regina de. Anunciação e Insurreição da Diferença: Contra - Ações na Biopolítica da Educação Bilíngue. *Childhood & Philosophy*, v. 12, n. 24, p. 391-415, 2016. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1984-59872016000200391&script=sci_abstract. Acesso em: 20 out. 2024.
- KARNOPP, Lodenir Becker; POKORSKI, Juliana de Oliveira; ZANINI, Joseane Veloso. Narrativas sobre a docência na educação de Surdos. *The Specialist*, v. 40, n. 3, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/42965>. Acesso em: 02 nov. 2024.
- KLEIN, Carin; DAMICO, José. O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2021. p. 65-87.
- LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Acima de tudo, que a escola nos ensine. Em defesa da escola de surdos. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 19, n. 4, p. 691-704, 2017. DOI: 10.20396/etd.v19i4.8648637. Disponível em: Acima de tudo, que a escola nos ensine. Em defesa da escola de surdos. Acesso em: 22 nov. 2023.
- MONTI, Luísa Leônico. *Surdez em linhas de fuga: Políticas de subjetividades outras na Educação Inclusiva*. 2023. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/>

- ufscar/18958/TESE%20-%20Luisa%20Monti%20-%20completa%20%5bcom%20ficha%20catalografica%5d.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 03 set. 2024.
- PAGNI, Pedro Ângelo. Entre o governo das diferenças e o ingovernável dos corpos: possibilidades de resistências em educação. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 33, n. 68, p. 563-590, 2020. Disponível em: 1982-596X-educfil-33-68-563.pdf. Acesso em: 7 fev. 2025.
- PAGNI, Pedro Ângelo. Retratos foucaultianos da deficiência e da ingovernabilidade na escola: do governo das diferenças a outro paradigma de inclusão. Marília: *Oficina Universitária*; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023.
- PAGNI, Pedro Ângelo; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. Expressividade como marcas constitutivas da diferença ou do etho Surdo. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 32, 2019. Disponível em: 313158902089.pdf. Acesso em: 27 out. 2024.
- PONTIN, Bianca Ribeiro. *Discursos e Processos de normalização dos sujeitos através de próteses auditivas nas políticas de governo da atualidade*. 2014. 74 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/95664>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- SILVA, Isabela Dutra Corrêa da. *Infantocracia: deslocamentos nas formas de compreender e viver o exercício do governo infantil na racionalidade neoliberal*. 2018. 144 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181813>. Acesso em: 9 ago. 2023.
- SKLIAR, Carlos. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a Linguagem*: Educar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- VILHALVA, Shirley. Anatomia do sentimento Surdo. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (Org.). *Um olhar sobre nós surdos*: Leituras Contemporâneas. Curitiba: CRV, 2012. p. 59-63.
- SOUSA, Márcia Maria de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. Cartografia: Perspectivas metodológicas na pesquisa em educação. *Cadernos de Fucamp*, v. 21, n. 50, p. 17-33, 2022. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2702>. Acesso em: 14 set. 2024.
- ZANINI, Joseane Marilei Baldassari Veloso. *Narrativas sobre a tarefa educativa em escolas de Surdos*. 2023. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/266831>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Submetido em abril de 2025

Aprovado em julho de 2025

Informações das autoras

Franciele Torani de Camargo

Escola Estadual Especial de Ensino Médio Helen Keller/ Instituto de Educação Cristóvão de Mendoza.

E-mail: biologafran85@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6031-9934>

Link Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1324156565603829>

Graciele Marjana Kraemer

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

E-mail: graciele.kraemer@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5286-9611>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5002662037058558>